



## **Modo de vida agroecológico como estratégia de empoderamento feminino na Mata Norte de Pernambuco.**

*Agroecological Way of Life as a Strategy for Women's Empowerment in the Mata Norte of Pernambuco*

LUCENA, Pedro H. Pereira<sup>1</sup>; SILVA, Uézila Lopes. Felipe<sup>2</sup>;

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural de Pernambuco, ppereiradelucena@gmail.com; <sup>2</sup>Universidade Federal Rural de Pernambuco, uezilalopes2016@gmail.com

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Eixo Temático: Gênero, feminismos e diversidades na construção agroecológica.**

**Resumo:** O artigo relata a experiência no assentamento Chico Mendes, localizado em Pernambuco, Brasil, onde Luiza Cavalcante, uma mulher afrodescendente, dedica-se à agricultura agroecológica. O assentamento foi resultado de um longo e violento conflito pela terra na região. Durante a visita, foi possível observar o impacto positivo da atuação de Luiza na comunidade, especialmente entre as mulheres. Ela promove a participação feminina na produção agroecológica, compartilha conhecimentos tradicionais e lidera grupos de estudo e capacitação. O relato destaca que a reforma agrária e a agroecologia desempenham um papel crucial no empoderamento das mulheres, proporcionando acesso à terra, recursos produtivos e fortalecimento da identidade e autonomia feminina.

**Palavras-Chave:** agroecologia, empoderamento, mulher

#### **Contexto**

O assentamento Chico Mendes fica localizado no caminho entre Araçoiaba e Carpina, nas antigas terras do Engenho Tocos em Tracunhaém-PE, PE 048. Situa-se a cerca de 60km do centro da cidade do Recife. O assentamento é constituído por cinquenta e nove lotes. São hoje, formalmente, três assentamentos, Chico Mendes (antigos engenhos Papicu e Tócos), Nova Canaã (antigo Penedinho) e Ismael Felipe (antigo Taquara) que formam o Complexo Prado. Houve uma modificação no desenho da divisão dos assentamentos sob aspectos jurídicos, a partir do momento em que se agregou o Chico Mendes II ao Chico Mendes I, de modo que as reuniões da Associação acontecem apenas na sede deste. A referida área teve origem a partir da vivência do que pode ser considerado o mais longo e violento conflito pela terra na Zona da Mata de Pernambuco dos últimos anos (CPT, 2013). Em fevereiro de 1997 aproximadamente 300 famílias de trabalhadores e trabalhadoras rurais, organizadas com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) ocuparam as terras da Usina Santa Tereza, pertencente ao grupo João Santos, com o propósito de pressionar o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) pela desapropriação de cerca de 2.600 hectares das terras improdutivas



dessa usina, para a Reforma Agrária (CPT, 2013). É nesse contexto que acontece a imersão realizada pelo Bacharelado em Agroecologia (BACEP) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), que ocorreu no primeiro semestre de 2023. Nessa imersão visitamos os seguintes municípios e suas respectivas comunidades: Tracunhaém no Sítio Ághata, Moreno no Engenho Una, Condado, Timbaúba no Sítio Xixá e Lagoa de Itaenga nas comunidades de Imbé e Marrecos. Durante a imersão tivemos a oportunidade de conhecer, no assentamento Chico Mendes, Luiza Cavalcante, uma mulher assentada, negra e afrodescendente, que se dedica à afroecologia. Luiza não apenas produz alimentos de forma sustentável, mas também empodera outras mulheres em sua comunidade. A experiência com Luiza proporcionou uma profunda reflexão sobre o empoderamento feminino a partir da reforma agrária e da prática agroecológica. "A reforma agrária, em sua dimensão transformadora, é uma estratégia que busca reconhecer a importância do acesso à terra como um fator determinante para a autonomia e o empoderamento das mulheres rurais." (LOPES, 2018)

### **Descrição da Experiência**

O objetivo deste relato de experiência técnica está fundamentado no fornecimento de elementos que estruturam a compreensão do modo de vida agroecológico e da afroecologia como mecanismos que desafiam um sistema capitalista e empoderam mulheres, um papel sociopolítico e ambiental entrelaçado na valorização da vida e de seu protagonismo. Durante a imersão na Mata Norte de Pernambuco, tivemos a oportunidade de visitar o assentamento onde Luiza Cavalcante reside. Conhecemos sua propriedade, que é um exemplo vivo de afroecologia, e a cooperativa de estudos Margarida Alves, que faz parte da estratégia de educação em agroecologia da associação, espaço voltado para construção do saber e valorização da educação popular, valorização dos saberes ancestrais e estudos de gêneros como perspectiva de empoderamento da mulher nos seus respectivos espaços de atuação. A afroecologia surge no Sítio Agatha, como uma necessidade de Luiza Cavalcante resgatar sua ancestralidade com a agroecologia. A afroecologia reconhece a importância das perspectivas e dos conhecimentos tradicionais dos povos afrodescendentes, que são frequentemente marginalizados e invisibilizados nos debates sobre meio ambiente e sustentabilidade. O termo é um conceito adotado pelas mulheres do Sítio Agatha, a partir de Luíza Cavalcante. Por meio de sua ancestralidade, e por entender que muito do que se divulga hoje sobre agroecologia, na verdade, são práticas milenares desenvolvidas pelos indígenas e pelo povo preto de África, por isso o "afro". Esses conhecimentos estão enraizados nas experiências, nas práticas da agricultura familiar, nas relações com a terra e com a



natureza, bem como nas tradições e nos sistemas de saberes desses povos. Luiza compartilhou conosco sua trajetória de luta e conquista da terra, através da reforma agrária, destacou ainda como essa conquista foi essencial para sua autonomia e empoderamento como mulher. A reforma agrária desempenha um papel crucial no empoderamento das mulheres na luta pela terra, mas não pode ser vista de forma isolada. Além disso, diversos fatores influenciam esse processo. Como destacado por Sen, et al. (2018), a inclusão de políticas de gênero eficazes, educação e acesso a recursos produtivos são igualmente essenciais para capacitar as mulheres no cenário agrário. No entanto, é importante reconhecer que o patriarcado continua a ser um desafio persistente. Conforme apontado por Santos (2019), muitas mulheres enfrentam a resistência de homens que ainda mantêm o controle sobre espaços e decisões dentro da luta pela terra, impedindo a participação plena e igualitária das mulheres. Portanto, a superação desse obstáculo é fundamental para alcançar um verdadeiro empoderamento feminino na reforma agrária. Ao perceberem sua autonomia e empoderamento, essas mulheres conseguem se tornar líderes de sua própria vida e comunidade. A conquista da terra através da reforma agrária fortalece a identidade e a autonomia das mulheres, permitindo que elas participem ativamente na tomada de decisões e contribuam para o desenvolvimento sustentável de suas comunidades (FAO, 2011).

Ao longo da visita, pudemos observar o impacto positivo que a atuação de Luiza tem na comunidade local, especialmente entre as mulheres. Ela promove a participação feminina na produção agroecológica incentivando outras mulheres a se envolverem nas atividades agrícolas e compartilhando seu conhecimento sobre técnicas sustentáveis. Essa atuação é embebida na experiência das mulheres das Ligas Camponesas que embora sua luta não estivesse ligada diretamente a opressão e relações de gênero, todavia desencadearam mudanças profundas na sociedade, resultando em transformações significativas tanto do ponto de vista ideológico quanto cultural. Uma dessas transformações diz respeito à maneira como as mulheres eram percebidas, anteriormente sendo vistas como seres sem relevância social, histórica ou política, cuja função principal era a reprodução (PERROT, 2012).

Nos dias atuais não é diferente, mulheres como Luiza Cavalcante continuam lutando pela reforma agrária e desafiando as normas culturais e sociais que limitam seu papel no campo. Além disso, Luiza compartilha com a comunidade seus saberes tradicionais, de forma oral, conhecida como pedagogia Griot/Griô. Os griôs são considerados uma metáfora viva da preservação da história na África Ocidental. Eles desempenham um papel crucial na transmissão do conhecimento acumulado ao longo dos séculos sobre os costumes, mitos e histórias dos povos. Através de suas habilidades artísticas e narrativas, eles garantem que a memória coletiva seja preservada e transmitida para as gerações futuras.



O caso de Luiza Cavalcante nos mostra que o empoderamento feminino vai além das esferas individuais, influenciando diretamente o desenvolvimento e o fortalecimento das comunidades rurais. Ao compartilhar seu conhecimento e experiência, Luiza estimula a formação de redes de apoio entre as mulheres, promovendo a solidariedade, cooperação e sororidade. Dessa forma, a transformação pessoal se torna coletiva, impulsionando o crescimento econômico, social e ambiental da região. Diante desse relato de experiência, somos desafiados a repensar o papel das mulheres na agricultura e na construção de uma sociedade sustentável. O empoderamento feminino é um conceito que busca promover a autonomia, a igualdade de gênero e o fortalecimento das mulheres em diferentes esferas da sociedade. Ele se baseia na ideia de que as mulheres devem ter o direito e a capacidade de fazer escolhas livres, exercer controle sobre suas vidas e participar plenamente em todos os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. As mulheres desempenham um papel fundamental na agricultura, representando uma parcela significativa da força de trabalho agroecológico em todo o mundo. No entanto, muitas vezes enfrentam desigualdades de gênero, incluindo restrições culturais, acesso limitado a terras, crédito e tecnologia, bem como menor participação nas tomadas de decisão. O empoderamento feminino na agricultura é fundamental para alcançar a segurança alimentar, reduzir a pobreza rural e promover o desenvolvimento sustentável. Ao capacitar as mulheres, elas podem desempenhar um papel mais ativo na produção de alimentos, diversificar a produção agrícola, melhorar a nutrição e aumentar a renda familiar, segundo o "The State of Food and Agriculture 2010-2011", publicado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). Afinal, o empoderamento feminino é um motor essencial para a construção de um futuro mais justo e equitativo, no qual todas as mulheres possam exercer plenamente seu potencial e contribuir para um sistema alimentar mais sustentável e inclusivo.

## **Resultados**

A experiência de acompanhar Luiza Cavalcante e seu trabalho agroecológico trouxe resultados significativos. Primeiramente, pudemos constatar o poder transformador da reforma agrária, que proporcionou a Luiza a conquista de uma terra para chamar de sua, possibilitando sua independência e protagonismo. A dedicação de Luiza à agroecologia, com sua abordagem consciente no cultivo da terra, representa um grande diferencial. Além disso, ela se destaca por sua ampla atuação nas causas da comunidade, indo além das fronteiras de sua própria plantação. Liderando grupos de estudo e capacitação, evidencia seu compromisso em compartilhar conhecimento e fortalecer a coletividade das mulheres em sua comunidade. É



crucial ressaltar que a parcela de Luiza foi conquistada após um longo e árduo conflito pela terra em sua região. Sua resiliência e determinação ao longo desse processo demonstram sua sensibilidade às questões de gênero e à importância de alcançar a igualdade. Ela não apenas conquistou a terra, mas também está ativamente envolvida em empoderar outras mulheres a seguir seu exemplo, capacitando-as para desempenhar um papel mais ativo na agricultura e na comunidade. Os resultados mais inspiradores, no entanto, foram observados no empoderamento das mulheres. Luiza Cavalcante se tornou um exemplo de liderança feminina, inspirando outras mulheres a se engajarem na agricultura e a valorizarem seu papel na sociedade. Através de sua atuação, diversas mulheres têm adquirido conhecimento, ganhado autonomia financeira e se tornando agentes de transformação em suas comunidades. Compartilhar sua história pessoal e suas lutas enfrentadas como mulher negra, camponesa e assentada é inspirador para outras mulheres. Ao compartilhar essas experiências, Luiza Cavalcante cria um espaço de diálogo e troca de saberes, estimulando outras mulheres a se expressarem e a enfrentarem os desafios que são postos às mulheres. Ao ocupar esses espaços, Luiza Cavalcante quebra estereótipos e mostra que as mulheres do campo, especialmente as mulheres negras, têm conhecimento, habilidades e poder para serem agentes de mudança. Essa experiência destacou a importância da reforma agrária e da agroecologia como ferramentas para o empoderamento feminino, abordando também temas como a afroecologia e os griôs. A afroecologia quando aplicada às questões de gênero, reconhece a importância das mulheres como guardiãs do conhecimento tradicional e como líderes na produção de alimentos. Ela valoriza a autonomia das mulheres na tomada de decisões agrícolas e promove o empoderamento econômico e social delas nas comunidades rurais. Os griôs, por sua vez, quando aplicados ao contexto da agroecologia, podem ser agentes de reflexão e educação, compartilhando práticas agrícolas sustentáveis e conhecimento sobre as plantas e a natureza. Através do acesso à terra e da adoção de práticas sustentáveis, as mulheres podem não apenas garantir sua subsistência, mas também fortalecer sua identidade, reconhecendo-se como agentes de mudança e construtoras de um futuro sustentável. O empoderamento de Luiza Cavalcante e de tantas outras mulheres assentadas na região da Mata Norte de Pernambuco é uma prova concreta de como a reforma agrária e a agroecologia podem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

### **Agradecimentos (opcional)**

Gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos a todas as pessoas e instituições que contribuíram para a realização deste relato, em especial a Luiza Cavalcante agricultora camponesa, assentada, artista e mestra popular. Foi através



dessa imersão que pudemos compreender melhor a realidade e os desafios enfrentados para o empoderamento da mulher, ver de perto a realidade de luta e resistência que pulsa no coração, isso foi fundamental para enriquecer nossa formação. A Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, aos nossos docentes e a professora Maria Virginia Aguiar, nossa sincera gratidão. Vosso apoio e contribuição foram indispensáveis para a conclusão deste trabalho.

### **Referências bibliográficas**

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). (2011). **O Estado da Alimentação e Agricultura 2010-2011**. Roma: FAO.

LOPES, ELS **A Reforma Agrária e o Empoderamento das Mulheres Rurais**. In: XVII Congresso Brasileiro de Sociologia. Brasília: SBS, 2018.

LUCENA, P.H.P; et al. **Contos Agroecológicos: As aventuras de Catita na Mata Norte de Pernambuco**, Recife: Editora UFRPE, 2023.

Sen, G., Ostlin, P., & George, A. (2007). **"Unequal, Unfair, Ineffective and Inefficient Gender Inequity in Health: Why It Exists and How We Can Change It."** Women and Gender Equity Knowledge Network.

Santos, M. L. (2019). **"Gênero e Luta pela Terra: Desafios para a Equidade no Acesso e no Controle de Recursos."** Revista Brasileira de Estudos de População, vol. 36, no. 3, 2019.